

AFONSO CRUZ (2021). *O vício dos livros*. Lisboa: Companhia das Letras, 128 pp.



O vício dos livros é o mais recente livro do premiado e multitalentoso Afonso Cruz – além de escritor, é ilustrador, realizador de filmes de animação e músico. O livro, com capa dura e ilustrações a cores do próprio autor, não é um romance, mas um apanhado de histórias, recordações, reflexões e curiosidades com um ponto em comum: a literatura como protagonista. É uma obra que se lê rápido, mas sobre a qual, terminada a leitura, continua-se a meditar, pois permite inúmeras reflexões sobre a literatura, o seu papel e acessibilidade.

Trata-se de um livro publicado durante a pandemia e, embora nenhuma das histórias se centre neste tema, nem por isso se furta de ser compreendido dentro deste contexto. Afonso Cruz teve, como ele próprio declarou, a sorte de passar a pandemia em contato com a natureza, no monte alentejano onde vive. O confinamento, embora aliviado por essa estadia no campo, causou-lhe um «engarrafamento literário», como ele definiu numa entrevista ao *Jornal Expresso*. Foi esse mesmo confinamento que levou muitas pessoas a buscarem o alívio oferecido pela arte. Ler, desenhar, pintar, cantar, assistir a filmes: todas essas atividades permitiram às pessoas viajar sem sair de casa, driblar a ansiedade e esquecer (pelo menos por algumas horas) o medo de adoecer e morrer. Nós, mais do que nunca, buscamos a literatura para expressar (e refletir sobre) nossa angústia existencial – angústia essa potencializada por uma pandemia que evidenciou aquilo que, em tempos normais, conseguimos enganar com nossas agendas lotadas: o pouco (ou nenhum) controle que temos sobre nossa existência e finitude. Não é esta, afinal, a grande questão humana? E não é sobre as grandes questões humanas que a boa literatura se debruça?

Michèle Petit, que estuda a importância da leitura para a resiliência, afirma que uma das principais funções da literatura é mostrar ao leitor, não pelo raciocínio, mas por meio de uma decifração inconsciente, que aquilo que o assusta pertence a todos. Em outras palavras, lembrar-lhe que não está sozinho. Em um tempo de incertezas e isolamento social forçado, poucas coisas soam mais reconfortantes.

Refletindo sobre o porquê de haver poucos leitores, Afonso Cruz defende, em *O vício dos livros*, que «ler exige silêncio e recolhimento, precisamente a antítese de outras atividades lúdicas, talvez, aquelas de maior adesão e tende a subtrair-se de qualquer gregarismo.» De facto, ler é uma atividade solitária – o ato da leitura exige compenetração e, portanto, um certo isolamento. Entretanto, na fase pós-leitura, em que assimilamos o material lido, refletimos sobre ele e o confrontamos com nosso «arquivo mental» para estabelecer conexões, partilhar nossa experiência com outros leitores pode ser bastante enriquecedor. Saber o que acharam do livro, o que pensaram, o que os tocou, no que repararam (e que talvez se nos tenha escapado). Nesta época de confinamento, várias pessoas foram buscar essa troca nos clubes de leitura e nas *lives* com seus escritores preferidos. Por isso, tomo a liberdade de discordar do autor quanto à leitura «subtrair-se de qualquer gregarismo»: bons livros nos despertam o desejo de conversar, discutir, partilhar experiências, reflexões e descobertas. Aliás, atrevo-me mesmo a dizer que o próprio *O vício dos livros* comprova isso, pois a sensação oferecida pelo livro de Afonso Cruz é a de troca, a de que estamos mesmo a dialogar com o escritor. Neste sentido, acredito que o surgimento deste livro neste preciso momento não terá sido acidental.

Diálogo com outros livros

E não é «apenas» com Afonso Cruz que o leitor conversa em *O vício dos livros*. Como ele próprio escreve em um dos mais breves capítulos da obra (cada história do livro ocupa um capítulo próprio), intitulado *O que se esconde debaixo de um poema*, «um poeta, quando escreve um poema e levanta a folha onde o escreveu, descobre uma infundável pilha de poemas onde foi escrita toda a poesia que precedeu o seu poema, e ao pousar essa mesma folha verá que já contém o peso de incontáveis poemas escritos sobre aquele que acabou de escrever». Essa reflexão é essencial porque, sendo este um livro que versa sobre a própria literatura, é impossível avançar pelas suas páginas sem resgatar leituras passadas e trazer, para nosso diálogo com Afonso Cruz, outros autores que nos marcaram.

Estas associações começam desde logo no prefácio. Nele nos é apresentado o seguinte pensamento de Christian Babin: «Não há nenhuma diferença entre a leitura e a escrita. Quem lê é autor daquilo que lê». A reflexão nos remete às afirmações de Michèle Petit sobre os leitores serem seres ativos que se apropriam do que leem e inscrevem seus desejos, fantasias e angústias nas entrelinhas¹. Essa apropriação do texto por parte do leitor é tão intuitiva que mesmo os adolescentes a percebem, como fica claro na fala de uma leitora de doze anos: «Eu reproduzo as pequenas histórias de que gosto. Quando abro meu caderno e as leio, é como se as tivesse escrito. Não vejo diferença».²

Transformação do leitor

Seguindo-se ao prefácio, a história que abre o livro – *A primeira vez que conheci um esquifobético* – também permite múltiplas associações. Nela, Afonso Cruz relembra o encontro que teve em Pernambuco com um homem que se autoproclamava esquifobético. Este, vendo que Cruz lia, pediu para ver a capa do livro e, tomando-o das mãos do escritor, fez anotações à caneta numa das páginas. Como fossem apenas garranchos, Cruz anotou, no verso da folha, as palavras que o homem dizia ter escrito ali. O autor nos conta essa história dizendo que um dia, ao abrir um livro antigo que pretendia ler, encontrou uma anotação que não reconheceu como sua. Embora, neste caso, o não reconhecimento tivesse uma explicação objetiva (as palavras eram do esquifobético), a ideia de que alguém possa abrir um livro antigo e se surpreender com suas próprias anotações e marcações no texto, chegando ao auge de não as reconhecer como suas, é interessante e perfeitamente plausível. Assim como ninguém pode mergulhar duas vezes no mesmo rio (entre os mergulhos, mudam o rio e a pessoa), também não se pode ler duas vezes o mesmo livro (entre as leituras, muda o leitor e, quase sempre, a leitura que ele faz do texto). Bons textos costumam ter diferentes «camadas» e a nossa habilidade de percebê-las e decifrá-las pode mudar em diferentes momentos e fases da vida. E o mais interessante é que, se o leitor não é mais o mesmo, isso se deve, entre outros fatores, à leitura que ele fez desse livro e de todos os que vieram depois.

¹ Ver Petit, Michèle. (2001). *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. Ciudad de México: Fondo del cultura económica, p. 45.

² Ver Petit, Michèle. (2009). *A arte de ler: Ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, p. 91.

Afinal, como o próprio Cruz diz mais à frente: «cada vez que lemos, saímos da leitura como um novo indivíduo que resulta da combinação anímica entre o livro e o leitor.»

Acerca dessa influência que um livro e seus personagens podem assumir sobre nossa identidade, Cruz diz que «o território inexplorado dentro de nós é acessível através dessa imersão em personagens que nunca fomos e jamais seríamos ou talvez venhamos a ser, e em vidas que nunca tivemos e jamais teríamos ou vidas que seriam nosso destino. As personagens dos livros que lemos são o meio de transporte para o que não somos, ou melhor, para o que somos sem ser. Creio que essa noção é fundamental: ser profundamente o que não somos.» Milan Kundera escreveu algo muito semelhante em *A insustentável leveza do ser*: «As personagens do meu romance são as minhas próprias possibilidades não realizadas. É o que faz com que eu as ame a todas e que todas igualmente me assustem. Todas elas atravessaram uma fronteira que eu apenas contornei. É essa fronteira superada (a fronteira para lá da qual acaba o meu eu) que me atrai.»³

Numa conversa literária organizada pela Biblioteca de Palmela, Afonso Cruz refletiu sobre o que chamou profecia dos livros, isto é, a capacidade que os livros têm de abrir um futuro ao leitor, de levar o leitor a «tornar-se aquele livro». Disse que os livros que leu na infância de certa forma o construíram, e exemplificou revelando ter-se transformado em um «Corto Maltesinho», com direito a argola na orelha, viagens para locais que o personagem visitou e coragem para desbravar o mundo, mesmo que sozinho. Esta paixão pelas viagens parece ter-se tornado parte mesmo do espírito de Afonso Cruz: o autor já esteve em mais de sessenta países e essa «internacionalidade» pode ser sentida no livro: nele, o leitor se depara com histórias passadas em locais tão distintos como Brasil, Tunísia, Estado do Kwait e São Tomé.

Livros terapêuticos

Uma ideia que perpassa todo o livro é a do papel terapêutico da leitura. No capítulo *Bibliotecas*, ficamos sabendo que na porta da biblioteca do faraó Ramsés II estava gravada a seguinte inscrição: «Casa para terapia da alma». Mais adiante, Cruz reconta a história (já viralizada nas redes sociais) do encontro de Kafka com a menina que chorava por ter perdido sua boneca. Para consolar

³ Ver Kundera, Milan. (2020). *A insustentável leveza do ser*. Alfragide: Bis. p. 281.

a criança, o escritor (com tuberculose e no seu último ano de vida) disse-lhe que a boneca tinha ido viajar e, por três semanas, escreveu-lhe cartas diárias, fazendo-se passar pela boneca. Como Afonso Cruz sabiamente interpreta, as cartas de Kafka tranquilizaram a criança porque a fizeram sentir que sua boneca «tinha uma história, tinha vivido uma vida», e foi isso o que tornou suportável a sua ausência – em outras palavras, a ajudou na elaboração da perda. Afinal, como disse Hannah Arendt, «toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história».

De facto, as histórias têm um forte papel na elaboração dos lutos – no plural, pois o luto não acompanha apenas a morte, mas também a doença, o divórcio, o envelhecimento e qualquer perda significativa – porque nos permitem ressignificar nossas próprias histórias e iluminar sentimentos confusos. Um ótimo exemplo é o que Afonso Cruz nos traz sobre o escritor Elias Canetti, que dizia ter conhecido o ódio através de um quadro: segundo Canetti, foi só ao olhar a expressão de Dalila no quadro *Sansão cego pelos filisteus* (1636), de Rembrandt, que ele reconheceu (e compreendeu) o sentimento que experimentara, na infância, por uma amiguinha. Sobre isso, disse Canetti: «Não temos conhecimento daquilo que sentimos; é necessário que o vejamos nos outros para que o reconheçamos.» Neste sentido, Proust afirmou que cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo e que toda obra não passa de uma espécie de instrumento óptico que o autor oferece ao leitor para o ajudar a discernir aquilo que, sem tal obra, talvez não chegasse nunca a perceber em si mesmo.

O sociólogo brasileiro Antônio Cândido também discorre sobre isso no seu célebre ensaio «O direito à literatura»⁴, explicando que este processo reconstrutor da literatura é possível por que o caráter de coisa organizada da obra literária – que tira palavras do nada e as organiza em textos com sentido e significado – nos «ensina» a ordenar nossa própria mente e sentimentos, ajudando-nos a superar o caos interno. Esse aprendizado, no entanto, não é consciente: ele se dá sutilmente, nas camadas inconscientes e subconscientes da mente, através da decifração de sugestões simbólicas. Como refere Antônio Cândido, ao dar forma aos nossos sentimentos e enriquecer nossa visão do mundo, a literatura nos organiza, nos liberta do caos, e, portanto, nos humaniza.

⁴ Cândido, Antônio. (2011). O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.

O direito à literatura

Em *O vício dos livros*, lemos a seguinte observação de Garcia Lorca: «Nem só de pão vive o Homem. Eu, se estivesse na rua esfomeado e desvalido, não pediria um pão; pediria, isto sim, meio pão e um livro.» A ideia central da frase, a de que a cultura é tão essencial como comida, já foi imortalizada até em versos musicais («a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão, balé», da banda brasileira Titãs), e encontra em Antônio Cândido um de seus maiores defensores. No mesmo ensaio, «O direito à literatura», ele nos convida a um exercício de ir além da ideia, hoje universalmente aceita, de que o pobre tem direito a itens básicos como casa, comida, instrução e saúde, e considerar que o que é indispensável para nós mesmos também o é para o próximo. Portanto, se consideramos o acesso à literatura indispensável para nosso bem-estar (como provavelmente é o caso dos que têm o «vício dos livros»), devemos considerá-la também indispensável aos outros. E ela é. É indispensável porque, como lembra Cândido, a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação sempre foi essencial ao ser humano e a necessidade atendida pela literatura é do tipo de necessidade que não pode deixar de ser satisfeita «sob pena de desorganização pessoal, ou, pelo menos, de frustração mutiladora.» Negar sua fruição a uma parte dos seres humanos é mutilar nossa humanidade, é espoliar e privar o próximo de «bens espirituais que fazem falta».

Além de ser transformadora no nível pessoal, a literatura o é também no plano social. Ela é transgressora e perturbadora, como exemplifica a escritora árabe que, passeando com Afonso Cruz no Kwait, conforme ele nos conta no livro, apontou para uma vitrine de roupas que tapavam o corpo todo e lhe confidenciou «já fui uma mulher destas.» Quando o escritor quis saber o que aconteceu para que mudasse, a resposta foi: «comecei a ler e me libertei.»

Em sociedades atingidas por grandes crises, guerras ou catástrofes, a literatura se torna um bem ainda mais essencial, porque oferece a «possibilidade de convalescença, (...) aproximação social e reconstrução», como lembra Afonso Cruz ao escrever sobre a importância dada à leitura em Bagdá.

Bibliotecas – vivas, públicas e privadas

Em um interessante capítulo intitulado *As histórias que se estragam*, Afonso Cruz fala das histórias que definham dentro de nós sem se cumprirem, «sem terem a possibilidade de sair e habitar outro corpo» e lembra que grandes

histórias podem estar indo deitar todas as noites sozinhas dentro da nossa própria casa ou estar sentadas ao nosso lado na sala e que, para viajar nessas histórias, só é preciso uma coisa: disponibilidade em ouvir. Nesse mesmo capítulo, ele evoca o escritor Antonio Basanta: «A primeira biblioteca que conheci na minha vida foi a minha mãe (...) Cada noite, antes de dormir, visitávamos as estantes da sua memória». Para além da pertinência destas reflexões nos tempos atuais, em que estamos confinados sem chance de viajar fisicamente, elas nos remetem ao criativo projeto *Human Library*, que teve sua versão aveirense (*Biblioteca Viva*) na Feira do Livro de 2018. Partindo da ideia de cada pessoa como um «livro vivo», a ação, que contou com o apoio da Biblioteca Municipal, convidou «leitores» a ouvir as histórias de imigrantes e refugiados.

Por fim, grande parte do texto, como não podia deixar de ser em uma obra chamada *O vício dos livros*, é destinada a reflexões sobre bibliotecas pessoais. Já na frase que abre o livro, Afonso Cruz diz: «Há livros que ficam perdidos nas estantes, mais ou menos esquecidos, até que um acaso nos empurra para um reencontro». Ao longo das páginas, o autor diz considerar o vício dos livros uma virtude, compara ter livros a ter amigos, confessa que sua biblioteca já não cabe em casa e conta sobre dois homens que morreram – literalmente – esmagados por suas bibliotecas pessoais. Ele também compara os livros a seres pacientes, capazes de esperar décadas ou séculos por um leitor e diz que quanto maior for a biblioteca de um «bom leitor», mais este sentirá o peso esmagador do que leu, do que não leu e do que nunca chegará a ler, mas afirma que, ao contrário daqueles que sentem culpa em acumular livros que não leram, ele encara tais livros como possibilidades de liberdade.

Sem dúvida, é importante ter uma grande variedade de livros à disposição – Michèle Petit ilustra esta necessidade ao evocar a fala de um entrevistado: «Eu compro livros que nem sempre terei tempo de ler, para não arriscar deixar passar aquele que, finalmente, saberá tudo sobre mim. Se eu o deixasse passar, você imagina!»⁵ Embora essa busca ávida nos livros (e por livros) seja compreensível, é pena que seja privilégio de poucos. O realmente gratificante seria ver bibliotecas públicas agraciadas com essa mesma variedade, quantidade e qualidade de obras literárias. Isso permitiria não só que mais «viciados em livros» tivessem como saciar seu vício, mas contribuiria para aumentar essa

⁵ Ver Petit, Michèle. (2009). *A arte de ler: Ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, p. 91.

mesma legião de «viciados» – e, atrevo-me a dizer, até a quantidade de escritores – já que, como Afonso Cruz ressaltou, a literatura é contagiosa.

O vício dos livros passeia por diversos aspectos relacionados à paixão pela literatura e pelos livros – comentei aqui apenas alguns, os que conversaram mais comigo. Decerto outros leitores se sentirão mais tocados por outros pontos do livro e se apropriarão deles de outras maneiras, revisitando suas próprias memórias e mergulhando em suas próprias reflexões.

*Juliana Garbayo**

* Juliana Garbayo é médica psiquiatra e mestre em estudos editoriais pela Universidade de Aveiro.